

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

FAZENDEIROS MODESTOS E ROCEIROS: PADRÕES DA PROPRIEDADE, DA PRODUÇÃO RURAL E DO MERCADO EM FEIRA DE SANTANA (1890-1920)

Francemberg Reis¹; Lucilene Reginaldo²

1. Bolsista PIBIC/CNPq, Graduando em Licenciatura em História, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: francemberg@yahoo.com.br
2. Orientador, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: lureginaldo@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Propriedade e proprietário rural; Produção rural; Mercado local

INTRODUÇÃO

A fundamentação deste trabalho seu deu em grande medida no estudo de fontes que recentemente foram disponibilizadas ao público. Pesquisou-se em inventários, arrolamentos, processos criminais, ações e jornais da época a dinâmica da propriedade e da produção rural em Feira de Santana, na última década do século XIX e as duas primeiras do século XX. Este recorte justifica-se pelas alterações ocorridas no fim da década de 1880, transformações de ordem social e política, Abolição da Escravidão e Proclamação da República, atos que refletem diretamente na estrutura do país e são sentidos de forma localizada nos grandes e pequenos espaços que o compõem.

As pesquisas sobre a pequena propriedade e a produção rural em Feira de Santana na transição do século XIX para o XX é algo que ainda não foi muito explorado. Entender as formas de acesso a terra, os padrões da propriedade, o funcionamento do mercado e os sujeitos envolvidos nessas questões, são debates ainda rarefeitos na historiografia da região. Este trabalho pretende contribuir com a história da zona rural feirense, procurando estudar o pequeno proprietário e a sua participação na economia.

O presente trabalho busca estudar os padrões da propriedade e da produção rural em Feira de Santana e a inserção da produção no mercado local na última década do século XIX e duas primeiras do século XX. Destacam-se as formas de sobrevivência do pequeno e médio produtor rural, assumindo papel importante no abastecimento do comércio interno, principalmente, com a produção do fumo e da farinha de mandioca; ressalta-se a pecuária, muito importante no desenvolvimento econômico da região por sua famosa feira do gado, onde havia também a participação de criadores e negociantes mais modestos. Valoriza-se também, as condições materiais dos sujeitos e os conflitos existentes no campo.

Em linhas gerais o trabalho apresenta as seguintes questões:

- Em fins do século XIX concretiza-se um novo perfil fundiário em Feira de Santana, com o tempo as fazendas foram legadas em inventários e conseqüentemente partilhadas entre os herdeiros, resultando na fragmentação das fazendas em médias a pequenas propriedades;
- As culturas que foram desenvolvidas em Feira de Santana e região foram, principalmente, a da mandioca e do fumo; a estas culturas, davam atenção especial não somente os grandes proprietários, mas também, os pequenos fazendeiros e roceiros. De igual modo, ocorria com a pecuária, em que participavam também pequenos criadores;
- A esta relação entre fragmentação da propriedade e produção rural, tem-se o interesse principal destes sujeitos, a inserção da sua produção agrária no mercado local.

MATERIAIS E MÉTODOS

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

Nos levantamentos dos dados para a compreensão dos padrões da propriedade rural foram utilizados para esta pesquisa inventários, ações de manutenção de posse, registros de venda e arrendamento de propriedades. Para os inventários, privilegiamos aqueles que não ultrapassaram o monte mor de 10:000\$000 (dez contos de réis). O fato de limitarmos o estudo a partir do valor total do espólio dos inventários contribuiu para estabelecermos o que seria a média e a pequena propriedade rural. Na discriminação dos valores sobre a terra, tornou-se possível identificar se o inventariado era proprietário de uma roça, sítio ou fazenda, minimizando o problema da não descrição do tamanho das terras discriminadas em grande parte dos inventários.

Para a descrição dos dados, foi adaptada uma ficha de leitura para este manuscrito, onde eram colocados o nome das partes, a localidade e o período. Enfatizava-se no documento as folhas das avaliações, onde estavam presentes os bens móveis, imóveis e semoventes com seus respectivos valores. Nas fichas também eram considerados o total monetário das avaliações; a meação, metade do monte-mor destinada ao cabeça-de-casal (conjugue); a legítima, parte que cabe aos demais herdeiros (filhos e netos em sua maior parte), dividida de modo equitativo; as custas do processo e as dívidas passivas e ativas contraídas pelo inventariado ou pelos inventariantes.

Com os livros de notas procuramos registros que se referissem à venda e arrendamento de terras. Estes documentos foram lidos e alguns deles, por caráter qualitativo e representativo, foram transcritos na íntegra. A leitura de alguns desses registros foi importante na medida em que ajudaram a compor as discussões da pesquisa. Na seção dos anexos trazemos uma transcrição de um registro de compra de um sítio e um registro de arrendamento de uma fazenda. De modo semelhante, tratamos as ações de manutenção de posse, as quais foram lidas o seu conteúdo e observados o litígio em questão, atentando as informações básicas sobre os fatos ocorridos e inserindo diretamente no corpo do texto.

Para compreendermos parcialmente a dinâmica da produção rural, observamos alguns livros sobre o controle da movimentação do mercado, contendo entradas de gado no mercado feirense e a sua respectiva taxaço. Estes livros traziam descrições detalhadas mostrando os balancetes da movimentação da feira semanal de gado ocorrida sempre às segundas-feiras. Listavam as quantidades de reses que deram entrada, as que foram e não foram taxadas, as que voltaram aos pastos por não serem vendidas, os nomes dos negociantes de gado e as barracas ocupadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os inventariados legavam a sua propriedade para seus herdeiros, geralmente conjugue e filhos. As propriedades, quando transferidas por herança, eram divididas de forma equitativa entre os legatários, representando uma das formas de fragmentação das propriedades. O fato de manter íntegra a propriedade da terra sempre foi uma das preocupações dos proprietários no Brasil colonial. Um acordo tácito entre os herdeiros poderia fazer com que se preservasse a propriedade, evitando assim a sua fragmentação, porém, em alguns casos, os herdeiros tomavam o seu quinhão de direito, iam habitar ou vendiam a sua parte para os próprios parentes ou para estranhos. Dessa forma, os inventários são os principais meios que contribuem para a fragmentação das propriedades rurais, surgem litígios, disputas que demoram anos, geram outros processos na alçada do poder judiciário; a luta pela posse e manutenção da terra foi algo que encontramos com diversidade na documentação, sendo este um fato que também discutimos no trabalho.

Nos registros de compra e venda, percebemos outra maneira mais comum ter acesso a propriedade: por meio da compra. Os registros que levantamos trazem o nome das partes, o

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

local da propriedade, o valor da venda e as testemunhas, porém, majoritariamente, assim como os inventários, estes registros não informam sobre o tamanho exato das posses, contudo, fazem a descrição sobre os limites da área a ser adquirida com os terrenos confinantes. Era com tanta riqueza de detalhes descritivos, porém, com a omissão do tamanho exato das propriedades, que os registros de compra e venda eram feitos. Outra forma de acesso a terra era o arrendamento, onde o proprietário destinava parte da sua propriedade para outra pessoa a fim de cultivá-la, nesse sistema o proprietário poderia receber parte da produção, trabalho do arrendatário em suas terras ou pagamento em dinheiro; essa relação entre proprietários de terras e rendeiros sempre foi vantajosa para ambas as partes.

Para os aspectos dos padrões da produção rural, pesquisou-se nos jornais a variação dos preços no mercado de Feira de Santana na última década do século XIX e primeiras do século XX busca entender como o pequeno produtor poderia encontrar oportunidades de vender a sua produção no mercado da cidade, seja como vendedor direto na condição de feirante, ou de fornecedor, quando a sua produção contribuía no abastecimento dos empórios e armazéns da cidade. Os resultados apresentados na pesquisa não são conclusivos, mas, servem como baliza à medida que faz a tentativa de se aproximar de algumas tendências da época. Outra questão que deve ser mencionada é que, não se ambiciona mostrar com os resultados, que Feira de Santana era auto-suficiente na sua produção agrícola, se essa fosse a nossa aspiração estaríamos cometendo um grave erro, negando fatos já conhecidos e confirmados não somente pela própria história e experiência, mas também, pela própria evidência dos fatos.

Para não nos atermos somente nas médias dos valores, levamos em consideração as condições materiais a partir dos inventários, como era as casas dos modestos fazendeiros e roceiros, o que existiam no interior delas, as benfeitorias de suas propriedades e o espólio legados aos herdeiros. Dessa forma, buscamos entrar no cotidiano desses sujeitos através das suas condições de existência num dado espaço, período e meio social, notando como eram estabelecidas as relações sociais em tal contexto, fatores que dificilmente podem ser padronizados. Os inventários são ricos em informações, são capazes de dar pistas sobre a vivência dos sujeitos, sendo assim, utilizamos estes documentos para fazer o delineamento do cotidiano dos indivíduos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos com esta pesquisa apresentar as características da propriedade e da produção rural em Feira de Santana, destacando como sujeito de análise, indivíduos que cultivavam as suas lavouras para o provimento do mercado local. Reconhecemos que nem todos os sujeitos produziam ambicionando o comércio e nem queremos negar a existência de outras formas de trabalho existente no campo, em que o homem poderia sobreviver sem esta rígida relação campo/cidade. Os dados se referem a um sujeito em específico (pequenos fazendeiros e roceiros voltados para o abastecimento do mercado), dentro de uma categoria já específica (trabalhadores rurais).

Não queremos tratar o homem do campo de forma homogênea, dessa forma, os resultados aqui apresentados não tiveram a intenção de mostrar que a vida dos sujeitos que habitavam a zona rural em Feira de Santana, nas duas primeiras décadas do século XX, era de pleno bem-estar, tomando como referência o seu sucesso na economia local. O fato de mostrar as suas alternativas de sobrevivência no comércio não é de hipótese alguma determinante para indicar as suas reais condições de vida.

Adentramos, mesmo que superficialmente, nas condições materiais desses indivíduos, descrevemos os possíveis conflitos que eles poderiam enfrentar em defesa da sua propriedade,

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

tudo isso para nos afastarmos do “mito da média” como reveladora de um bem-estar. É até mesmo difícil pensar em bem-estar sendo o período que estamos estudando marcado pela forte negligência política para com o povo. A liberdade sonhada pelos teóricos republicanos não foi conquistada na sua plenitude, substituiu-se a arbitrariedade monárquica pelo mandonismo local e a população sofreu com isso. A indiferença pelo povo marcou a Primeira República, um regime instaurado sem a participação popular, chegou de surpresa, e muitos ficaram sem saber o que estava acontecendo.

As questões que foram abordadas neste trabalho não são profundas, mas, também não são superficiais, os seus resultados atendem na medida do possível, a responder questões lançadas às fontes, busca compreender o econômico e o social, o cotidiano; contribui para o estudo do acesso, da posse e da produção rural na região de Feira de Santana. a pesquisa trata de fatores importantes no desenvolvimento histórico das sociedades.

REFERÊNCIAS

- BARICKMAN, B. J. Um contraponto baiano: açúcar, fumo, mandioca e escravidão no Recôncavo, 1780-1860. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BAUD, Michiel; KOONINGS, Kees. *A lavoura dos pobres: Tobacco Farming and the Development of Commercial Agriculture in Bahia, 1870–1930*. Journal of Latin American Studies, 31 , pp 287-329.
- BOAVENTURA, Eurico Alves. Fidalgos & vaqueiros. Salvador: UFBA, Centro Editorial e Didático, 1989.
- FRAGA FILHO, Walter. Encruzilhadas da liberdade: histórias de escravos e libertos na Bahia, 1870-1910. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 2006.
- FREIRE, Luiz Cleber Moraes. Nem tanto ao mar, nem tanto a terra: agropecuária, escravidão e riqueza em Feira de Santana, 1850-1888. 2007. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Bahia
- NEVES, Erivaldo Fagundes. História regional e local: fragmentação e recomposição da história da modernidade. Feira de Santana: Salvador: UEFS, Arcadia, 2002.
- NEVES, Erivaldo Fagundes. Uma comunidade sertaneja: da sesmaria ao minifúndio (um estudo de história regional e local). 2. ed. Salvador, BA: Feira de Santana, 2008
- POPPINO, Rollie E. Feira de Santana. Salvador: Ed. Itapua, 1968.
- SOUSA, Elza Coelho de. “Feira de gado.” In: Revista Brasileira de Geografia. Nº 3, ano VIII. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, jul/set., 1946
- SOUSA, Elza Coelho de. Tipos e Aspectos do Brasil: Boiadeiro. In: Revista Brasileira de Geografia. Nº 3, ano VIII. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, jul/set., 1946
- STRAUCH, Ney. “Contribuição ao estudo das feiras de gado: Feira de Santana e Arcoverde.” Revista Brasileira de Geografia. n.1, ano XIV. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, jan./mar., 1952.
- THOMPSON, E. P. (Edward Palmer). A formação da classe operária inglesa. Volume II, 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- THOMPSON, Edward Palmer. Costumes em comum. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.